

A importância da matriz africana para a construção da identidade afro-brasileira da cidade de Cachoeira, BA

The importance of the african matrix for the construction of the afro-brazilian identity of the city of Cachoeira, BA

Sandro Correia

UNEB, Doutor em
Planejamento e
Desenvolvimento, UCS.
E-mail:
correia.sandro@yahoo.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar como a constituição da cidade de Cachoeira teve o elemento de matriz africana representado pelos Terreiros de Candomblé, Terreiros de Umbanda e as Irmãs da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte. A metodologia adotada foi a do trabalho de campo e da observação participante, utilizando-se de publicações locais específicas sobre a temática. Os principais dados demonstram uma articulação entre os Terreiros de Candomblé, Terreiros de Umbanda e Irmãs da Irmandade da Boa Morte na construção de um conjunto de procedimentos que atuam no fortalecimento, preservação e conservação da identidade afro-brasileira da cidade de Cachoeira, sendo, por muitos, considerada um território de preservação do patrimônio de matriz africana.

Palavras-chave: Religiosidade de matriz africana; Cultura afro-brasileira; Cidade de Cachoeira; Identidade cultural.

Abstract

The objective of this work is to show how the constitution of the city of Cachoeira had the element of African matrix represented by the “Terreiros de Candomblé”, “Terreiros de Umbanda” and the “Irmãs da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte”. The methodology adopted was fieldwork and participant observation, using specific local publications on the theme. The main data demons-

trate an articulation between the “Terreiros de Candomblé”, “Terreiros de Umbanda” and “Irmãs da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte” in the construction of a set of procedures that act in the strengthening, preservation and conservation of the Afro-Brazilian identity of the city of Cachoeira, being, by many, considered a territory for the preservation of heritage of African matrix.

Keywords: African matrix religion; Afro-brazilian culture; City of Cachoeira; Cultural identity.

Introdução

O referente texto tem como objetivo mostrar como a matriz africana contribuiu para a identidade afro-brasileira de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, com a divisão do artigo da seguinte forma: 1. Caracterização Territorial de Cachoeira; 2. A importância do rio Paraguaçu para a população negra de Cachoeira; 3. A atuação da Irmandade da Boa Morte na valorização da população de matriz africana em Cachoeira; 4. A cidade de Cachoeira e a sua relação com a religiosidade de matriz africana (o Candomblé, a Umbanda e outras expressões); 5. Os templos da Religiosidade de Matriz Africana (Candomblé e Umbanda); e as conclusões e referências.

Essa construção contou com o apoio de figuras, fotos e tabelas que demonstram manifestações culturais relacionadas à matriz africana e de que maneira esses elementos geográficos e sociais servem para a materialização dessas características da cidade negra de Cachoeira, no Recôncavo Baiano.

A integração entre elementos e organizações como o rio Paraguaçu, a irmandade da Boa Morte, o Candomblé, a Umbanda e as lideranças religiosas com destaque para as mulheres, que organizaram ações como festividades e celebrações que têm a tônica da ancestralidade africana e de matriz africana como um centro gerador e disseminador desse território.

A construção territorial de Cachoeira está muito conectada à história do estado da Bahia em vários episódios históricos ligados à independência e que fizeram desta cidade um dos pontos turísticos mais importantes da Bahia.

A antiga Vila de Cachoeira construiu um emaranhado de relações e iniciou um processo que garantiu um momento histórico extremamente importante, marcado

pelo enriquecimento dos fazendeiros e pelo crescimento econômico do Recôncavo, garantindo um momento de ascensões política, cultural e econômica.

Este período marcado pela abundância construiu um patrimônio arquitetônico e cultural caracterizado pela existência de templos religiosos, como igrejas, irmandades religiosas, Terreiros de Candomblé e demais objetos urbanos que construíram a urbanidade do Recôncavo e, especificamente, de Cachoeira.

O sincretismo pode ser considerado para os descendentes de africanos no Brasil como uma experiência da associação dos santos católicos com os orixás africanos e Cachoeira é um exemplo disso, ao apresentar a expressiva presença da colonização e da escravidão, aproximando, espacialmente, os universos civilizatórios de povos diferentes.

Em seu artigo intitulado “Exu, mensageiro do Diabo” (PRANDI, 2001) mostra que o contato entre civilizações diferentes produz sincretismos com a comparação de Exu dos iorubas, com o Deus fálico greco-romano Priapo, e ao diabo dos judeus e cristãos.

As expressões afro-brasileiras geraram experiências nesse território baiano por meio da Irmandade da Boa Morte, dos Terreiros de Candomblé e de Umbanda e a relação com a própria Igreja Católica, que apresenta particularidades que revelam possibilidades diferentes das tradicionalmente vistas no Ocidente.

Em função das relações de poder são produzidas verticalidades que subalternizaram os africanos e seus descendentes e investiu de alteridade o colonizador que foi superiorizado por instrumentos do próprio estado, como o resultado das próprias explorações colonialista e imperialista.

Outro aspecto importante desta situação foi a construção da via férrea, que dividia com a navegação a responsabilidade de escoar a produção das riquezas produzidas ao integrar-se à lógica de desenvolvimento do planeta, garantindo o sustento das elites europeias. Toda esta situação foi fundamental para a acumulação de bens, serviços e riquezas, principalmente ao aumentar a sua importância para os interesses do continente europeu, que organizava o seu desenvolvimento na lógica da relação colônia-metrópole.

1 **Caracterização Territorial de Cachoeira**

O município de Cachoeira está distante de Salvador, capital do estado da Bahia a uma hora e 46 minutos, com uma distância de 116 km, 1 km indo pela BR-324 em uma viagem de veículo particular, localizado na região administrativa de Santo Antônio de Jesus, do território de identidade do Recôncavo.

A sua importância para a história da Bahia é celebrada ao fazer parte do calendário oficial das comemorações da independência baiana, anualmente no dia 25 de junho, com a presença do governador para os despachos governamentais, quando foi se tornando a capital do estado da Bahia por um dia. É classificada, segundo o IBGE, como uma cidade pequena. É preciso atentar-se para as diversas dimensões presentes que irão definir o urbano e o rural, principalmente após o processo de reorganização, em razão da perda de importância econômica e política em detrimento da sua decadência econômica.

O momento atual está ligado a vários aspectos que remontam o tempo do seu período áureo, em que concentrava atividades de navegação, ferrovia e outros elementos que lhe deram destaque e centralidade econômica nos séculos XVIII e XIX, e com o declínio em razão da saída gradual de algumas atividades e a construção de algumas obras, tendo como destaque a Barragem de Pedra do Cavalo (1970 – 1985) e a BR-101, que diminuíram a circulação e os fluxos e impactaram o seu desenvolvimento, deixando-o mais lento.

No censo de 2010, o município de Cachoeira tinha uma população residente de 32.026 habitantes e no último censo (2022) apresentou uma população de 29.251 habitantes, apresentando uma perda populacional.

A população negra de Cachoeira é de 27.870 habitantes, representando 87,2% da população total (DE OLIVEIRA, 2022), afirmando a relação direta com a população de origem africana que veio escravizada para o Brasil, essas pessoas são descendentes daqueles(as) que contribuíram diretamente para a economia do Recôncavo Baiano.

2 A importância do rio Paraguaçu para a população negra de Cachoeira

A cidade de Cachoeira é peculiar no conjunto do Recôncavo Baiano, com exuberante riqueza natural de florestas, rios e acidentes geográficos, dando destaque para o rio Paraguaçu.

A condição de navegabilidade do rio Paraguaçu possibilitou o fluxo de culturas materializadas nos navios e nas embarcações que chegavam à Cachoeira trazendo ouro, prata, máquinas e pessoas vindas de vários lugares do mundo, dando um caráter cosmopolita à cidade.

Este caráter cosmopolita foi graças aos processos de entrada e saída de mercadorias e do fluxo de pessoas que embarcavam e desembarcavam dos barcos, trazendo seus idiomas, costumes e culturas.

Por meio do trecho do rio Paraguaçu que banha a cidade foi possível o aumento da sua influência nos comércios local e regional, que fez do lugar um excelente entreposto de negócios frente à concentração da tecnologia de circulação pela navegação.

Figura 1 – Rio Paraguaçu no seu trecho entre as cidades de São Félix e de Cachoeira, tendo ao fundo a Barragem de Pedra do Cavalo.



Data: 05 de julho de 2014.

Autor: Sandro dos Santos Correia.

A tradição de matriz africana na cidade de Cachoeira é diretamente ligada à organização da economia em torno da escravidão, que trazia os africanos escravizados

em embarcações vindas pelo rio Paraguaçu para o desenvolvimento dos engenhos, que são os ancestrais dos atuais descendentes dos cativos.

Essa característica geográfica, particularmente, o rio Paraguaçu, que sua bacia hidrográfica abastece um significativo número de municípios e a ponte Dom Pedro II construída no Império ligou as cidades de Cachoeira e São Félix, que eram separadas pelo curso d'água, demonstram ter muita importância para a população negra da cidade.

Na ocorrência desses rituais, não são prescritos sacrifícios de animais, porque a divindade principal cultuada é o orixá feminino Nanã, divindade avessa à sangue animal. É possível, entretanto, que na quinta-feira que antecede ao primeiro dia da festa, ocorram sacrifícios de animais, mas nunca oferecidos à divindade acima citada. Os alimentos, denominados comida seca, são colocados em locais específicos, fora da sede da corporação, ou são depositados na floresta, quando a divindade está relacionada a esse elemento, ou na Pedra da Baleia, no rio Paraguaçu, como é o caso de Oxumaré (NASCIMENTO, 2019, p. 151).

O presente da Pedra da Baleia é um exemplo da importância do rio Paraguaçu para as manifestações religiosas da população negra e mestiça da cidade, além de abranger, também, a população rural, com influência em todo o município.

Além de ser uma reserva de água potável, o rio Paraguaçu é navegável em seu baixo curso, da foz até as cidades de Cachoeira e São Félix, ao longo do trecho navegável encontram-se duas ilhas, a de Monte Cristo e a Ilha dos Franceses.

Figura 2 – Barragem de Pedra do Cavalo, no rio Paraguaçu.



Data: 05 de julho de 2014.

Autor: Sandro dos Santos Correia.

Com a inauguração da Barragem de Pedra do Cavalo, em 1985 passou a ganhar novos usos adicionados aos que já desempenhava para o desenvolvimento desta região, como também das cidades de Cachoeira e São Félix, principalmente Cachoeira, onde o transbordamento das suas águas interrompia o trânsito de pessoas, mercadorias e veículos.

As cidades do Recôncavo, para fins de melhor entendimento histórico e da atualidade, compreende uma complexa produção do espaço artificial e natural, como a importante bacia hidrográfica formada pelos rios Paraguaçu, Jaguaripe, Rio da Dona e entre outros afluentes, portanto, as pequenas e médias cidades em intersecção às relações étnicas raciais proporcionam entender a segregação racial e as desigualdades das realidades local e nacional com um outro olhar, diferente dos cenários das grandes cidades (DE OLIVEIRA, 2020, p. 310-311).

Uma cidade do Recôncavo Baiano como Cachoeira representa uma riqueza histórica pela fluidez criada com a bacia hidrográfica do rio Paraguaçu, com o fluxo de embarcações vindas de diversas partes, mas, também, pelas importâncias étnica e religiosa que as suas águas representam.

Figura 3 – O presente de Iemanjá em 2015.



Data: 08 de fevereiro de 2015.

Autor: Sandro dos Santos Correia.

A imagem acima mostra o presente de Iemanjá, em Cachoeira, 2015, na Praça 25 de Junho, nas margens do rio, com diversas embarcações ao redor que levarão e acompanharão as oferendas com o pedido dos fiéis. São as adeptas indo entregar as

oferendas em vários barcos, acompanhados de atabaques e agogôs, para serem levadas e colocadas com os presentes na Pedra da Baleia, nas águas do rio Paraguaçu.

Isso irá demonstrar uma grande mobilização das festas por meio de navegações, pessoas, recursos, ideias e outras mobilizações provocadas pela grandeza da Festa de Iemanjá e a força dessa devoção na cultura “cachoeirana”.

Essa festa começou a ter apoio institucional da Secretaria de Cultura e Turismo de Cachoeira e da Associação Cultural Iemanjá Ogunté (ACYO), com direito à cartaz e programação oficial, demonstrando o aumento da importância da festividade que, a cada dia, ganha maior apoio e importância institucional.

A Festa de Iemanjá recebe pessoas de diferentes municípios que acabam dinamizando, potencialmente neste dia, a economia local da cidade de Cachoeira, movimentando fluxos de pessoas e mercadorias, impulsionado pelos signos e símbolos da cultura afro-brasileira e, principalmente, homens e mulheres que são trazidos por veículos particulares ou coletivos para renovar a sua fé aos Inquices, Voduns e Orixás cultuados por essas religiões.

A importância do rio Paraguaçu para a população vai além da questão hídrica, indo até a história dos ancestrais e de toda a reconstrução em torno do episódio estruturante da Escravidão no Brasil, que durou mais de 300 anos e que os impactos persistem até os dias atuais.

Após a descrição da importância dessa força da natureza e que em conjunto com uma irmandade de cor que por força da colonização europeia acabou surgindo o sincretismo para fins de sobrevivência de toda uma parcela da população escravizada, a Irmandade da Boa Morte contribuiu de forma muito importante com a construção da identidade afro-brasileira, o que será demonstrado nas linhas abaixo.

3 A atuação da Irmandade da Boa Morte na valorização da população de matriz africana em Cachoeira

Um grande exemplo da força da mulher em Cachoeira é a atuação da Irmandade de Cor da Nossa Senhora da Boa Morte, com um longo tempo de existência, motivo pelo qual iniciamos com elas os exemplos de experiências das

mulheres à frente de organizações que desempenham um importante papel no território, com a Irmandade e sua resistência e luta no território de Cachoeira.

A Irmandade é composta por uma confraria de 23 senhoras, cujos requisitos são descender de africanos escravizados e possuir mais de 50 anos de idade. A transferência para Cachoeira aconteceu por volta de 1850 em um período marcado por uma conjuntura de mudanças em que a economia açucareira da primeira metade do século XIX proporcionou aos senhores de engenho do Recôncavo Baiano um grande poderio econômico, sendo um período áureo desta região e de Cachoeira.

Com o aumento da influência dos senhores de engenho através do prestígio com a aristocracia baiana, eles demandavam uma quantidade maior de escravizados por essa denotar uma condição forçada, portanto, etimologicamente mais correta com o processo social e histórico em suas fazendas e a garantia de uma grande diversidade étnica de indivíduos oriundos de várias civilizações africanas.

13 anos depois da transformação da vila em cidade e em 2016, com 192 anos de fundação e com 167 anos de funcionamento na cidade “cachoeirana”, sendo que em 1970 quase fechou as suas portas na crise e no declínio da economia do Recôncavo Baiano. Em 1860, como ano indicado como de institucionalização do Candomblé, fortaleceu-se a relação do seu território.

O papel desempenhado pelas irmãs na articulação e na mobilização de forças para o reconhecimento da importância desta tradição demonstra a capacidade das mulheres em operar com instrumentos políticos, sociais e midiáticos.

A afirmação de uma irmandade de cor com várias irmãs como adeptas do Candomblé é um fortalecimento na identidade de Cachoeira, com as populações de matriz africana e afro-brasileiras.

A influência dos elementos da África nesta cidade do Recôncavo Baiano tem como explicação a grande concentração de africanos escravizados que trabalhavam nos engenhos de cana de açúcar e davam continuidade, apesar da proibição da escravidão, à cultura de matriz africana em suas manifestações.

A sua importância é justificada pelo seu tempo de funcionamento, pelo fato de suas integrantes acompanharem a Vila de Cachoeira se tornar uma cidade, e por suas ruas conquistarem amigos, devotos e simpatizantes.

A associação entre a Irmandade católica, os negros e os Terreiros, como uma espécie de fluxo da história do Recôncavo da Bahia, construíram sincretismo e, ao mesmo tempo, afirmação positiva da matriz africana em diálogo respeitoso entre as religiões presentes e atuantes, de variadas origens, que neste lugar convivem e se cooperam. Ainda existe, porém, grande intolerância por parte das igrejas evangélicas e neopentecostais aos membros do Axé, por meio de atos de violência simbólica como a ida de adeptos da religião protestante aos Templos afro-brasileiros para neles jogar sal grosso, proferindo palavras que tentam desqualificar, ofender, diminuir e inferiorizar a prática religiosa dos fiéis das religiões de matriz africana e afro-brasileiras.

A Festa da Boa Morte começa em agosto, com procissão pelas ruas da cidade de Cachoeira, com a dianteira das mulheres, todas com mais de cinquenta anos de idade, com uma multidão de “cachoeiranos” e turistas de várias partes do mundo, que acompanham o cortejo e o cântico das senhoras irmãs.

Essas emancipações são tão impactantes que trazem como consequência uma relativa autonomia que se materializa em liberdade para o povo de santo, ao ponto de organizar festas públicas que ultrapassam o espaço físico do Terreiro, indo além de uma representação artística ou de um aspecto somente religioso, chegando a ser considerado como processos social e político, que deixam de ser coadjuvantes invisibilizados e passam a ser produtores ativos com bastante força, que conquistam a visibilidade, quebrando um antigo paradigma de segregação.

Figura 4 – Procissão das Irmãs na Festa da Boa Morte.



Data: 15 de agosto de 2017.

Autor: Sandro dos Santos Correia.

A figura dá destaque à procissão das irmãs pelas ruas de Cachoeira, que é acompanhada por uma multidão de pessoas moradoras do município e de municípios do entorno, como Muritiba, São Félix, Governador Mangabeira e outros, localizados em diferentes territórios de identidade da Bahia.

Essa é a Procissão Oficial das Irmãs, sempre no mês de Agosto, em Cachoeira, com as senhoras que têm uma função muito importante nos dias atuais de preservar uma tradição em um período de alta tecnologia e globalização, em que as relações são tão velozes e fugazes.

Nos adornos das irmãs estão os colares, as rosas, os panos de cabeça, os candelabros com as velas, os anéis, as pulseiras, as contas e firmas, que representam os deuses africanos e afro-brasileiros e, claro, a tradição católica e do sincretismo popular.

Elas percorrem um trajeto a pé de grande significância pelo fato de serem mulheres com mais de 50 anos de idade e que estão dedicadas a um processo de extremo compromisso religioso e ancestral.

4 A cidade de Cachoeira e a sua relação com a religiosidade de matriz africana (o Candomblé, a Umbanda e outras expressões)

Ao ser associada como a cidade do feitiço, Cachoeira identifica-se culturalmente com o Candomblé, ideia explicitada em “o poder dos Candomblés” em que sinaliza a força cultural e histórica da tradição de matriz africana.

A afirmação acima revela que a influência do elemento de matriz africana é profunda no território de Cachoeira, mesmo assim, algumas informações vinculadas por algumas instituições demonstram um conflito e uma contradição na construção desta identidade.

Santos (2009) destaca que Cachoeira foi caracterizada como a cidade do “feitiço” ou a cidade da “macumba”. O autor, em suas observações sobre o poder dos candomblés, destaca a perseguição da imprensa local, do poder público e da força policial nas três primeiras décadas do século XX. Diferente da geografia de Salvador, a ocupação dos espaços pelos Terreiros de Candomblé em Cachoeira, o percurso seguia em direção aos espaços mais distantes, nas áreas rurais, combinando com as necessidades espirituais do contato com áreas verdes, animais, rios e plantas em geral (DE OLIVEIRA, 2020, p. 309).

Os termos “feitiço” e “macumba” são pejorativos e têm o único objetivo de depreciar, inferiorizar e desqualificar a cultura da população negra, que tem a escravidão como característica estruturante e que os impactos ocorrem até os dias atuais.

A participação ativa da população negra na cidade de Cachoeira se dá pela própria porcentagem da população escravizada no período oficial da escravidão, em mais de 3 séculos.

Um desses episódios se deu no ano de 1838 e revelou a existência do quilombo Malaquia e, entre 1840 e 1850, a existência de um Candomblé liderado pelo africano Quixareme, em que agregavam outros africanos e descendentes em torno do culto de Azonsur.

A reprodução de práticas espaciais elaboradas no continente africano em razão da concentração de africanos escravizados em Cachoeira construiu inúmeras experiências exclusivas em um ambiente diferente do ponto de vista geográfico e cultural, dando uma contribuição decisiva na experiência afro-brasileira.

Em 1852, a existência do Candomblé de Curiachito, liderado pela ganhadeira Ephifânia Motta, irmã da Boa Morte e filha da africana Maria Motta e a história de Anacleto em 1856, demonstram a ligação direta e de ancestralidade com a África.

Em torno de 1856, o Candomblé da Cajá foi fundado por um africano escravizado do Capivari, chamado Anacleto Urbano da Natividade Tosta, em que ele apresentava-se como um fomalheiro, ora como homem escravizado feitor.

Para Edmar Ferreira Santos (2009), Cachoeira, além de ser fundamental na economia colonial, juntamente com Salvador, reserva em seu território as manifestações religiosas de matriz africana e afro-brasileiras. As religiões Candomblé e Umbanda, historicamente, estão inscritas nas cidades de Salvador, Cachoeira, nas regiões do Recôncavo, Feira de Santana e nos territórios do país, sobretudo nas urbes em que a população negra se faz presente (DE OLIVEIRA, 2020, p. 308-309).

A participação da cultura de matriz africana em todo o Recôncavo Baiano é marcante e o município de Cachoeira, pelas suas características geográficas, explica a atual conjuntura que se encontra o seu território e os seus desdobramentos frente às expressões históricas que são tão importantes para a afirmação de sua identidade.

A região do Recôncavo, por ter recebido um grande contingente de africanos escravizados, acabou sendo influenciada em vários municípios, primeiro com as questões demográfica, religiosa e cultural, tendo como um dos exemplos o município

de Santo Amaro, com a celebração do Bembé do Mercado em 13 de maio, além de outros territórios municipais, como: Santo Antônio de Jesus, Laje, Cruz das Almas e cidades circunvizinhas.

Essa influência da matriz africana ocorreu nas festividades e celebrações religiosas que se fundamentaram na escravidão e na colonização, criando por meio dessas referências continentais simbologias e signos religiosos pelo caminho da sobrevivência por meio do sincretismo.

Em 1858, foi feita a referência a José Ricardo, que liderava o culto de Azonsur com apoio de Quixareme, fundador do Terreiro de Oxumaré, demonstrando que havia uma rede entre Salvador e Cachoeira.

A formação de um sacerdote da tradição religiosa de matriz africana requer um contato direto com pessoas ligadas diretamente às antigas civilizações africanas, de preferência, que sejam parte da árvore genealógica.

No caso desse território, a concentração de africanos escravizados trazidos em navios negreiros chegava também pelo rio Paraguaçu, eram como mercadorias, que foram fundamentais como mão de obra para o desenvolvimento dos engenhos.

A relação entre organizações de diferentes naturezas e possibilidades é uma das explicações para a formação de uma tradição afro-brasileira, a começar pela concentração de indivíduos de diferentes civilizações africanas, que tiveram seus homens e mulheres escravizados.

A condição de escravizado explica a relação com a matriz africana, embora, os mais de 300 anos de escravidão oficial precisem ser refletidos e contextualizados para as condições atuais da população negra.

A explicação se dá pelo fato de ter havido um quantitativo muito expressivo de africanos escravizados que foram enviados para o Brasil e essa concentração no Recôncavo Baiano contribuiu bastante para a composição demográfica.

Os inventários demonstram que a forma que o africano escravizado tratado como mercadoria pode ter vivido o horror e o sofrimento da condição de subalternização, indo explicar a necessidade de guardar o segredo e a informação, mas, principalmente, pela criminalização das práticas civilizatórias oriundas dessas populações escravizadas.

Nesta discussão surgiram também os fundamentos da Roça de Cima e em 1860 teve um momento crucial e importante para a história do Candomblé e a cidade de Cachoeira será fundamental para o nascimento institucional deste culto religioso, passando a ser uma referência para o Brasil.

Entre os anos de 1870 e 1880 foi o provável período de formação do Zô Ogodô Bogum Malê Seja Hundê, em que havia um equilíbrio entre homens e mulheres na escravaria do engenho Natividade.

A formação de um Terreiro de Candomblé, de um templo religioso de matriz africana, requer um conjunto de funções e habilidades que se fundamentam nas antigas civilizações africanas, mas, no Recôncavo, a condição de escravo forçou ou construiu um diálogo entre civilizações que, na África eram inimigas e no Brasil, se aproximaram culturalmente e espacialmente.

O espaço do terreiro de candomblé foi a materialização desse diálogo de etnias rivais na África que, no Brasil se tornam parceiras, produzindo um sincretismo entre as civilizações africanas escravizadas, em que seus indivíduos e descendentes contribuíram decisivamente para a cultura negra de hoje.

Essas experiências em Cachoeira têm vários exemplos, como o Terreiro Seja Hundê, assim como a Roça de Cima e outros, que irão iniciar um processo que caracteriza uma certa institucionalização.

O período indicado com o de 1860 (PARÉS, 2000) criou elementos de identidade para essas pessoas, como saias, roupas, argolas, contas e demais questões relacionadas aos deuses africanos, que afirmavam o processo civilizatório afro-brasileiro.

A formação desses templos religiosos também revela a rede de sociabilidades entre as instituições, que trazem informações como idiomas, dialetos e tecnologias sociais capazes de dialogar e articular atores diferentes no espaço social.

O ano de 1871 foi marcado pela Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro deste mesmo ano, que influenciou diretamente na libertação das crianças nascidas no Engenho Capivari.

A partir de 1950, os Terreiros de Candomblé Jêje-nagô em São Félix e Cachoeira, que ainda se encontravam em funcionamento em Outeiro Redondo, são originados de descendentes dos africanos escravizados do engenho Natividade e foram influenciados pelo Candomblé de Anacleto.

Em um período de criminalização das práticas culturais de matriz africana, só houve a desobrigação do pedido de licença na delegacia de jogos e costumes, no Decreto Estadual de nº 25.095, de 13 de janeiro de 1976.

Período que até o ano de 1976 foi marcado por uma perseguição sistemática que feria profundamente a autonomia e a liberdade do culto do Candomblé, necessitando da atuação das mulheres do Candomblé, por sua vez, as mães de santo, representadas por Mãe Judith, com seu falecimento na década de 1950, em determinado período, como também pelas senhoras irmãs da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Em 1978, o Seja Hundê voltou a um período de harmonia, porque houve o equacionamento de problemas antigos, ligados, inclusive, a questões de pertencimento jurídico fundiário do Terreiro.

Um conflito que ocorre com as áreas geográficas em que estão localizados os templos religiosos de matriz africana é a herança familiar consanguínea que, muitas vezes, gera uma série de contradições e de agressões emocionais e patrimoniais.

Quando esse conflito é equacionado, a ordem e a construção menos violenta em razão do próprio Estado Colonialista vê a cultura de matriz africana como inimiga do Estado, mesmo havendo um novo ordenamento jurídico com a Constituição Federal de 1988.

Acredita-se que após o ano de 1976 houve um maior incentivo ao uso desta liberdade política e institucional, que fortaleceu algumas iniciativas, como o retorno da organização da festa de Iemanjá, o Encontro das Águas, a festa da Pechincha e a feijoada de Mãe Preta, a partir do ano de 2014.

No decorrer do século XX, os Terreiros de Candomblé e Umbanda nas pequenas, médias e grandes cidades, fincaram suas inscrições nos lugares da segregação, distante dos lugares que representam a ordem, a lei e os valores morais (SANTOS, 2009). Em geral, os Terreiros de Umbanda e Candomblé se autossegregaram, em razão da contínua perseguição que eles sofreram no chão das cidades brasileiras. Nas cidades de Salvador, Cachoeira e nas urbes do país, poucas casas de Candomblé e Umbanda exerceram suas condições culturais e sociais livremente para escolher o lugar no chão das cidades (DE OLIVEIRA, 2020, p. 309).

A afirmação acima nos sinaliza que a participação dos templos religiosos de matriz africana na vida da população negra sempre foi referenciada pelas perseguição e segregação no sistema dominante, reproduzindo estruturas sociais desde os tempos

da escravidão. A quantidade de templos de matriz africana será mostrada nas páginas abaixo.

5 Os templos da religiosidade de Matriz Africana (Candomblé e Umbanda)

Hoje, a cidade de Cachoeira possui 48 Terreiros de Candomblé, segundo o mapeamento dos espaços de religiões de matrizes africanas do Recôncavo, publicado pela SEPRMI (BAHIA, 2012).

Este texto foi construído com o apoio da publicação do IPAC (2015) sobre os Terreiros do Recôncavo, que separa-os por nação. Em relação aos 48 Terreiros de Candomblé de Cachoeira levantados pela SEPRMI (BAHIA, 2012) no trabalho de campo desta pesquisa nos dias 04 e 05 de dezembro de 2014, utilizamos um GPS e Trex 30x – Garmin do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da UNEB, fornecido pelo laboratório de Geociências para georreferenciar os Templos.

Conforme o documento da SEPRMI (BAHIA, 2012), destes 48, 25 informaram estar no meio urbano, 21 estão no meio rural e 2 não informaram, 4 são da nação de Angola, 4 são da nação Jeje-mahin, 1 é Jurema-keto-jeje-caboclo, 9 são da nação Keto, 1 é da Umbanda de Jurema, 1 é Ketu-nagô-ijexá, 1 é Jeje-nagô, 2 são Nagô-ijexá, 3 são da Umbanda, 1 é Nagô-obetedô, 3 são Nagô-vodun, 6 são da nação Nagô, 1 é Angola-ketu, 1 é Nagô e Keto, 2 são da nação Jeje, 1 é Nagô-ijexá, 1 é Nagô vudussi, 1 é da Umbanda linha branca, 1 é Nagô-vodum-ijexá, 1 é Caboclo, 1 é da Umbanda.

Os 48 foram identificados, cada um contendo as seguintes informações: nome, nação, liderança, endereço, bairro e código de endereçamento postal – CEP. Tais informações se encontram entre as páginas 79 e 92 do mapeamento feito pela publicação mencionada.

Antes de continuarmos com a análise da forma com que a SEPRMI (BAHIA, 2012) vê os Terreiros de Candomblé e de como os trata oficialmente do ponto de vista de uma política de Estado, é importante lembrar desta afirmação sobre a sua importância.

Mas o Terreiro de Candomblé afixava-se como um território étnico-cultural capaz de acolher, de modo geral, o entrecruzamento dos espaços e dos tempos implicados na socialização do grupo negro. Ali eram guardados conteúdos patrimoniais valiosos (o axé, os princípios cósmicos, a ética dos ancestrais), e

também os ensinamentos do xirê – os ritmos e as formas dramáticas que se desdobrariam ludicamente na sociedade abrangente (SODRÉ, 1988, p. 148).

A citação acima irá sintetizar a função desse santuário para a história da população negra do Brasil, o colocando como uma referência que estrutura a vida de um segmento populacional como um território étnico-cultural e também como um espaço de entrecruzamento.

O autor irá, ainda, reforçar seu papel o ampliando de uma dimensão física e material para uma de natureza civilizatória, que irá abranger também os valores éticos e morais de uma sociedade.

O Candomblé é uma religião de matriz africana nascida no Brasil; segundo a publicação da SEPRMI (2012), a Umbanda também é uma religião de matriz africana, que surgiu em terras brasileiras, sendo considerada uma de suas nações.

Em razão do processo de descriminalização da cultura de matriz africana, outras religiões próximas à linhagem foram visibilizadas e iniciaram seu processo de organização.

Tabela 1 – Nações dos Terreiros de Candomblé – Cachoeira (2012).

Nação	Quantidade
Angola	4
Jeje-Mahin	1
Jurema-keto-Jeje-caboclo	1
Keto	9
Jejemarrim	3
Umbanda na jurema	1
Jeje nagô	1
Nagô-Ijexá	1
Umbanda	3
Nagô Obitedô	1
Nagô-Vodun	1
Nagô	6
Angola-Keto	1
Nagô e Ketu	1
Jêje	2
Nagô-Vudussi	1
Nagô vodun	3
Keto Angola	1
Alaketu	1
Abikun	1
Umbanda – Linha branca	1

Nago, vodun e ijexá	1
NagêIjexá	1
Caboclo	1
Total	47

Fonte: SEPROMI (BAHIA, 2012).

Elaboração: Sandro dos Santos Correia.

As diferentes nações do Candomblé que existem na cidade de Cachoeira revelam os seus adeptos e por extensão parte dessa população afirma o seu vínculo com o passado da África e a importância para a memória de seus habitantes.

Esse papel desempenhado pelo Terreiro acaba preenchendo uma lacuna na história de boa parte dos habitantes desta terra, que é a informação sobre o pertencimento ancestral e genealógico.

Essa afirmação se dá pelo fato de haver uma associação das pessoas com relação a sua origem, o que indica ausência de uma informação da sua árvore genealógica. Outro aspecto que pode estar relacionado é com o passado e a memória destas pessoas, que demonstra um acesso da história positiva dos antepassados e ancestrais.

O grande exemplo disso é a nação abikun, sendo somente 1 Terreiro que continua esse culto e imagina-se que a cultura é extinta porque conversando com uma pessoa religiosa, uma filha de santo, ela relatou que o procedimento de iniciação religiosa de uma iaô do grupo abikun é diferente, ritualisticamente, da pessoa que não é desta nação.

O exemplo acima afirma a importância deste culto no fortalecimento de indivíduos cujos ancestrais, ao serem escravizados no passado, perderam contato com a sua história e não tiveram o direito de transmiti-la às próximas gerações.

É nesse espaço que será fortalecido o acesso dos indivíduos à sua história, que foi cronicamente inferiorizada e subalternizada no passado pelo colonizador que expropriou seu território.

No comentário referente ao mapa da SEPROMI (BAHIA, 2012) é preciso observar que ele se aproximou da necessidade de mostrar os Terreiros de Candomblé de Cachoeira, mas não conseguiu um nível de detalhamento maior; acredita-se que essa aproximação não foi possível em razão de ser uma pesquisa exploratória e pelo fato de existirem poucos estudos com a temática territorial.

Esse nível de profundidade insuficiente revela que reflexões com esse objetivo deixarão lacunas importantes para um planejamento mais efetivo e capaz de contemplar essas singularidades, seja no meio urbano ou no meio rural, assim como será difícil também atingir um nível de aprofundamento satisfatório do fenômeno na cidade ou no município.

As nações que aparecem na Tabela 2 e se destacam em maior quantidade de Terreiros são: Ketu com 9, seguido da Nagô com 6, o terceiro lugar ficou com a nação Angola com 4, e vindo na sequência Jeje marrim, Umbanda e Nagô vodun, todas com 3, cada.

Tabela 2 – Nações mais representativas dos Terreiros de Candomblé – Cachoeira (2012).

Angola	9,0%
Keto	20%
Jeje marrim	6,8%
Nagô	13%
Nagô vodun	6,8%
Total	46,9%

Fonte: Bahia, SEPRMI (BAHIA, 2012).

Elaboração: Sandro dos Santos Correia.

Nota: Consideram-se as mais representadas populacionalmente.

Essas nações que se destacam com o maior número de Templos, principalmente a Ketu que tem o maior número, no total de 9, devem ter a clareza que as suas lideranças, ou seja, os sacerdotes e as sacerdotisas, precisam estar atentos para o fortalecimento da organização dos adeptos e que a interação entre poder público e Candomblé deve ser fortalecida.

Os rituais das nações Keto, Nagô, Angola, Jeje marrim e Umbanda são os que predominam, mas também acabam salvaguardando indivíduos que por uma razão ou outra, como no caso dos abicuns, tiveram os seus adeptos diminuídos, estando no estado de quase extinção cultural.

Tabela 3 – Situação Fundiária dos Terreiros de Candomblé – Cachoeira (2012).

Localização	Quantidade	Porcentagem
Urbana	25	52%
Rural	21	43,8%
Não informou	2	4,2%
Total	48	100%

Fonte: SEPROMI (BAHIA, 2012).

Elaboração: Sandro dos Santos Correia.

Desses 48 Terreiros, 25 são urbanos e 21 são rurais, enquanto 2 não informaram a sua situação. Os 25 que estão no meio urbano se localizam em áreas periféricas distantes do centro da cidade.

Figura 5 – A Fogueira do Orixá Xangô.



Data: 23 de junho de 2012.

Autor: Sandro dos Santos Correia.

A figura 5 mostra o Terreiro de Candomblé Ilê Kaió Alaketu Axé Oxum, localizado no Alto do Rosarinho, em Cachoeira, visto de fora durante a celebração intitulada Fogueira de Xangô, que ocorre no mês de junho, na festa do São João, com uma fogueira para o ritual.

Essa é a fachada do Templo e é noite de fogueira de Xangô, nos dias 23 e 24 de junho, uma data em que se comemora o São João na Bahia, festa junina marcada pela tradição de queimar fogueira e comer milho assado (Figura 5).

Essa festa é organizada pelo Terreiro há mais de vinte anos e representa toda uma tradição ao orixá Xangô, que é o Deus do trovão e da justiça, representado pelo cajado, que simboliza o seu instrumento ritualístico e mitológico. Esta divindade africana já foi sincretizada com São João Batista, da Igreja Católica.

A experiência dos africanos e seus descendentes e como ela se transformou em mito, a sua vivência na terra e de que maneira os seus ensinamentos nos inspiram comportamentos que reproduzem os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, contribuem para que Cachoeira seja um espaço marcado pelas tradições iorubás, reterritorializando uma tradição que foi historicamente subjugada em seu território de nascimento no continente africano. Isso nos impõe reflexões complexas de como a resistência de algumas pessoas garantiu a reprodução de espaços e territórios oficialmente excluídos de emancipação e de cidadania.

Nas sociedades ditas primitivas e na maior parte das sociedades antigas e medievais, a ligação do homem com a Terra recebeu, na atmosfera espaço-temporal do mundo mágico-mítico, um sentido essencialmente qualitativo. A geografia é mais do que uma base ou um elemento. Ela é um *poder*. Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com suas vidas orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos (DARDEL, 2015, p. 48).

O pensamento de Eric Dardel corrobora com o pensamento da ligação do homem com a Terra, levando em conta todos os seus aspectos, como a terra, a água, o ar e os seus demais elementos constituintes, que influenciam diretamente no funcionamento do seu corpo e da sua mente. Esta relação tão direta com a terra acaba criando uma cultura própria e que se posiciona com uma função específica na sociedade onde está inserida, dando o seu verdadeiro papel por meio da cultura ali desenvolvida e praticada, reconhecidamente expressiva de certa etnia.

A relação entre a cultura, o espaço e a etnia é estruturante para o Candomblé em razão de que a natureza é sagrada e os seus elementos, como a água, o fogo, o ar e a terra estarão associados a divindades sagradas africanas e afro-brasileiras.

Figura 6 – Entrada do Seja Hundê.



Data: 04 de dezembro de 2014.

Autor: Sandro dos Santos Correia.

A figura 6 é a entrada do Seja Hundê, localizado na Rua Benjamim Constant, s/n, em Cachoeira, Bahia, CEP: 44.300-000. A imagem foi capturada na solenidade de Tombamento do Templo, em 2014.

Vê-se ladeira de barro sem calçamento, que dá acesso para o Barracão onde estão chegando os convidados para a solenidade pública de tombamento, comprovando que a localização do Templo está em uma área de difícil acesso.

Neste mesmo ano de 2014, a Prefeitura de Cachoeira, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo incluiu no Anteprojeto do Plano Municipal de Cultura da V Conferência Municipal de Cultura, um capítulo sobre cultura afro-brasileira. O Plano é decenal de 2014 a 2024, com revisão em 2019.

E no ano de 2015 se transformou na Lei de nº 1.140/2015, que Instituiu o Plano Municipal de Cultura de Cachoeira para o decênio 2015 – 2025 e efetivou o capítulo

sobre cultura afro-brasileira, no mesmo ano vai acontecer a primeira edição da Feijoada de Mãe Preta.

Assim é mister reconhecer a ligação que o território de Cachoeira tem com a cultura de matriz africana e que os Terreiros de Candomblé são as instituições que preservaram e conservaram a matriz africana, que hoje tem seu reconhecimento como patrimônio nacional.

6 Conclusões

A contribuição do Terreiro de Candomblé se dá com a organização de eventos, rituais, indumentárias, adereços, linguagens, roupas, canções, danças, comportamentos, cantigas, comidas e demais símbolos e signos, que têm muita força no território de Cachoeira.

As atividades e organizações em torno dos Terreiros de Umbanda são significativos para a compreensão da contribuição da matriz africana para o imaginário da cidade.

A Irmandade da Boa Morte com o empenho, a participação e a dedicação das suas irmãs nos festejos anuais do mês de agosto em procissões pelas ruas de Cachoeira, mostram a força da matriz africana nas irmandades religiosas católicas com 202 anos de fundação.

A identidade de Cachoeira e a identidade do Candomblé e da Umbanda têm em comum o elemento de matriz africana. Os povos africanos escravizados vindos para o Brasil, especialmente para Cachoeira, formaram o Candomblé, que influenciou a Umbanda e, assim, contribuíram para a identidade de Cachoeira.

O reconhecimento dessa importância se oficializa com a aprovação do Plano Municipal de Cultura pela câmara de vereadores de Cachoeira em 2014 para o decênio de 2015-2025, ao inserir no texto oficial a importância da cultura de matriz africana.

Todas essas afirmações vão fortalecer a identidade afro-brasileira de Cachoeira e que a influência da África, por meio de seus filhos escravizados que chegaram no Brasil, reconstruíram nesse território uma possibilidade de preservação do seu patrimônio imaterial.

Referências bibliográficas

AMORIM, Carlos. A Bahia é uma escola que virou referência. [entrevista concedida a Cleidiana Ramos]. *A Tarde*, Salvador, p. A6, 12 maio 2014.

BAHIA. Governo do Estado. Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix, organização Graça Lobo; coordenação Antonio Roberto Pellegrino Filho. Salvador: *Fundação Pedro Calmon: IPAC*, 2015. 244 p. (Cadernos do IPAC, 9).

BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPROMI. *Mapeamento dos Espaços de Religião de Matriz Africana do Recôncavo/Sepromi*. 1ª Edição – Salvador, 2012.

BRANDÃO, Maria Azevedo (org.) *Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 1998.

CACHOEIRA, Prefeitura Municipal. Lei Municipal nº 1.140, de 22 de setembro de 2015. *Institui o Plano Municipal de Cultura de Cachoeira para o decênio 2015 – 2025*. Disponível em: <https://planosmunicipaisdecultura.ufba.br/sites/planosmunicipaisdecultura.ufba.br/files/pmc_cachoeira_ba_lei_1140_2015.pdf>. Acesso em: 16 maio 2017.

CACHOEIRA, Lei Municipal nº 1.142, de 24 de Agosto de 2015. *Plano Municipal de Cultura*.

CORRÊA, Aureanice de Mello. *Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2004.

CORREIA, S. S. *Racismo*. Desenvolvimento. População Negra. 1ª ed. Editora Filos. Salvador, Bahia, Brasil, 2021.

CORREIA, S. S. A importância das nações de candomblé para a população afro-brasileira em Cachoeira-BA in ODEERE – *Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade*. ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4, número 8, julho – dezembro de 2019.

CORREIA, Sandro dos Santos. *Celebração da liberdade: candomblé e desenvolvimento humano em Cachoeira-BA*. Orientadora: Profª. Dra. Cristina Maria Macedo de Alencar Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Salvador, 2019. 309 f.

CORREIA, Sandro dos Santos. A importância das mulheres do candomblé no desenvolvimento de Cachoeira, BA. In Odeere: *Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB*. ISSN 2525-4715. Ano 2, número 3, volume 3, janeiro – junho de 2017.

CORREIA, Sandro dos Santos. *O território de Cachoeira-BA: O potencial do Patrimônio Cultural de Matriz Africana e as possibilidades para o Desenvolvimento Local do Recôncavo*

Baiano. In: CORREIA, S. C; DANTAS, A. L; SANTOS, E. M. P. (orgs.) *Recôncavo Baiano: Trajetórias e Dinâmicas Territoriais*, Salvador, Assembleia Legislativa, 2015.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Perspectiva, São Paulo, 2015.

DE OLIVEIRA, Reinaldo José. CIDADES NEGRAS NO BRASIL: TERRITÓRIOS E CIDADANIA. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 12, n. 34, p. 287-314, nov. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1128>. Acesso em: 07 mar. 2023.

DE OLIVEIRA, Reinaldo José. Universidade em cidades negras: ações afirmativas na medicina (p. 49 a 77). In: *Psicologia em epistemologias negras: ações afirmativas na Universidade*. Org.: MARQUES, R. S. N; OLIVEIRA, L. R. de; GALINDO, D. C. G. Cruz das Almas – BA. EDUFRB, 2022.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo, SP: Selo Negro, 2004.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. *Bitedô: onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jêje-nagô no recôncavo baiano*, Rio de Janeiro, CEAP, 2010.

NASCIMENTO, Luiz Claudio Dias do. *São Félix*. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lcnascimento1>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo*. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. REVISTA USP, São Paulo, n. 50, p. 46-63, junho/agosto 2001.

ROCHA, Rubens. *Cachoeira: joia do Recôncavo Baiano*, 2ª edição, Tibiriçá Gráfica Rápida, Tucano, 2015.

ROÇA DE CIMA. *Terreiro Jeje Zogbodo Male Bogum Seja Unde*. Disponível em: <sejahunde.blogspot.com.br/p/roca-de-cima.html>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ROSENDAHL, Zeny. *Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião*. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia Cultural: uma antologia (II)*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2013.

SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira III Séculos de História e Tradição*, Salvador, EGBA, 2010.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil*. Salvador, BA: EDUFBA, 2005.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo, SP: Companhia das Letras (Companhia de Bolso), 2015, 4ª reimpressão.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*/Amartya Sem. Tradução: Laura Teixeira Motta; revisão técnica: Ricardo Doniselli Mendes. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*/Amartya Sem. Tradução: Laura Teixeira Motta; revisão técnica: Ricardo Doniselli Mendes. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade. A forma social negro brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1988.

Recebido em: 16 de março de 2023.

Aceito em: 9 de agosto de 2023.

COMO REFERENCIAR

CORREIA, Sandro. A importância da matriz africana para a construção da identidade afro-brasileira da cidade de Cachoeira, BA. *Latitude*, Maceió, v. 17, n. 1, p. 10-35, 2023.